O LUGAR ONDE A VIDA É FELIZ

Dá gosto saber de alguém que é como se não soubesse nada para trás do tempo. Alguém que, na proximidade do mar português, ao pensar em Descobrimentos vê realmente um barco e, por vezes, até quem lá vai; que não tem qualquer dúvida de que evocar é puro teatro e de que é puro teatro o espaço da evocação. Ao fim, uma bela reverência, olhando sempre quem nos vê, coloca no seu lugar a rela-tividade das coisas: aquele que faz a pintura, e quem a vê; a pintura que foi feita e aquela que, finalmente, se deixa ver. Postas assim as coisas, podem portanto vir as fadas e também os marinheiros. Quer dizer: podem vir o maravilhoso e a viagem, pois não haverá maravilhoso sem viagem e viagem não há sem maravilhoso. As fadas vivem em palácios, não se sabe é onde, mas vivem lá. Os mari-nheiros, desde os mais antigos, vão por mar, à miragem dos palácios. Por isso o oiro, por isso a prata, tudo quanto é precioso é raro. Não é com nuvens carregadas, negras, ostensivamente dramáticas, que se pode ver o doirado das cúpulas a meio da viagem. O ar tem de ser leve, azulado e transparente, tornando as distâncias mais próximas, desejáveis. O que a mão pode alcançar é leve: árvores, quiosques, minaretes e suas sombras, mesmo as montanhas. E como se tudo fosse inventado e estivesse já presente ao mesmo tempo. Espaço sonhado, onde as paisagens são montadas como então nos apetece, sem nenhuma autoridade civil a comandá-los. Cada um é livre dentro desses mares, desses bosques e campinas, livre de encontrar o pássaro da manhã, o dragão finalmente adormecido e a princesa esguia com gestos orientais, delicadíssimos esperando. E, porém, necessário saber, sobretudo, atravessar os oceanos num barco de estrutura ainda bem antiga com uma vela branca, grande, como um triângulo esotérico, desenhada. Assim passará todas as fronteiras marítimas como um traço, como uma pincelada nítida e rápida, como uma caligrafia dissimulada num mapa só esmeralda e azul. E oiro. Oiro fazendo de amarelo, luz pintada aparecendo entre colunas de cor ainda rósea, nacaradas pelo alvor da manhã.

Quero chegar por aqui, desvio a desvio, pelas palavras, ao centro da pintura de Guilherme Parente: o lugar onde a vida é feliz e inocente, onde alguém se pode sentar sem deixar sombra como nos sonhos, onde o mar é igual à fonte e a caravela um iate, de papel, subindo a torrente do lago sereníssimo. Embarcadiço da sua própria viagem, há anos que anda nela ouvindo o sopro das sereias, dos búzios, dos crescentes de lua e dos faróis do mistério impostos como sexos. Fazendo, há anos, e ao mesmo tempo desfazendo rotas, solitário sim, mas sem tristezas, nem terrores. Umas vezes anda em faustos de palácio, outras em feiras de povo, mesmo em trajo de peregrino já o vi e, também, com estrela e varinha de mágico. Mas em qualquer destas circunstâncias ou escolhas suas, me parece, só dele poder ser aquele lírico sinal de infatigável miragem com que sempre o conheço.

Fernando de Azevedo Fev. de 1990 (Texto extraído do catálogo da exposição realizada na Galeria Triângulo - (48) - 1990)